



Revista aSEPHallus de Orientação Lacaniana
Núcleo Sephora de Pesquisa sobre o Moderno e o Contemporâneo
ISSN 1809 - 709 X

Mal-estar na universidade e mal-estar entre os jovens universitários

Tania Coelho dos Santos

Orcid: [0000-0002-5360-7864](https://orcid.org/0000-0002-5360-7864)

Pós-doutorado no Departamento de Psicanálise de Paris VIII (Paris, França)
Professora Associada nível IV aposentada Instituto de Psicologia / UFRJ (Rio de Janeiro, Brasil)
Pesquisadora do CNPQ nível 1 C.
Presidente do Instituto Sephora de Ensino e Pesquisa de Orientação Lacaniana / ISEPOL (Rio de Janeiro, Brasil)
Psicanalista Membro da École de La Cause Freudienne (Paris, França), da Escola Brasileira de Psicanálise (São Paulo, Brasil) e da Associação Mundial de Psicanálise (Paris, França)
Membro da Associação Universitária de Pesquisa em Psicopatologia Fundamental (São Paulo, Brasil)
E-mail: taniacs@openlink.com.br

Em março de 2022 completei 44 anos fazendo pesquisa e ensinando na universidade. Destes, dediquei os últimos 32 anos à formação de mestres e doutores no programa de pós-graduação em teoria psicanalítica, no Instituto de Psicologia da Universidade Federal do Rio de Janeiro. Dei provas públicas da minha dedicação ao ensino e à pesquisa. Fui bolsista de mestrado (1978-1981), doutorado (1985-1989), recém-doutor (1991-1993) e bolsista de produtividade científica (1994-2022). Acabo de receber mais uma vez a avaliação altamente elogiosa da comunidade científica do CNPq – e a recomendação para bolsista nível 1C - sobre meu projeto (CNPq 2022-2026) intitulado: *Subjetividade moderna e pós-moderna: da determinação pelo desejo do Outro à auto-definição*. Em todo meu percurso nunca fui difamada, caluniada ou criticada seja pelo conteúdo das minhas pesquisas seja pelas minhas posições no campo da ética e da política na formação do psicanalista. Freudiana de formação, aderi à orientação lacaniana de Jacques-Alain Miller servindo-me da bússola da Associação Mundial de Psicanálise, da *École de la Cause Freudienne* e da Escola Brasileira de Psicanálise das quais sou membro.

Foi essencial ao meu progresso científico meu pós-doutorado em Paris 8 sob a supervisão na teoria e na clínica do inesquecível psicanalista e professor titular Serge Cottet. Foi e ainda é uma fonte inesgotável de aperfeiçoamento ético e científico, a convivência ao longo de mais de 20 anos com os colegas da Associação Universitária de Pesquisa em Psicopatologia Fundamental, uma invenção notável de um homem de visão, inimigo da mediocridade acadêmica, o saudoso Professor Manoel Berlink. Em 1998 criei o Núcleo Sephora de Pesquisa Sobre o Moderno e o Contemporâneo integrando as pesquisas em nível de iniciação científica, mestrado e doutorado de todos os meus alunos. Criei o Laboratório de Ensino *Para ler Freud com Lacan* e, um pouco depois, o *Laboratório Para ler Lacan com Miller*. Meus seminários na pós-graduação foram a base para a construção desses laboratórios que podem ser consultados no endereço eletrônico www.isepol.com. Neste site está alojada também a aSEPHallus Revista de Orientação Lacaniana, com Qualis B3, cujo número 33 receberá esse editorial. Em 2007, com meus ex-alunos e seus ex-alunos criamos a Associação Núcleo Sephora de Pesquisa Sobre o Moderno e o Contemporâneo, sem fins lucrativos, cujo nome fantasia é Instituto Sephora de Ensino e Pesquisa de Orientação Lacaniana. Nossa missão é acrescentar à formação do psicanalista o hábito de associar

sua experiência à pesquisa. Para isso construímos parcerias com psicólogos que exercem a prática psicanalítica em instituições hospitalares privadas como a Rede D'Or e a *United Health Group*.

Reiteramos que essas atividades de pesquisa visam o aperfeiçoamento da prática em instituições e têm se mostrado uma grande ferramenta política para ampliar o campo de trabalho do psicólogo e a coerência ética e científica de sua atuação. Nossa proposta é inovadora e socialmente responsável. Ela permite que a absorção de jovens mestres e doutores no mercado de trabalho não se restrinja ao ensino universitário. Sabemos que uma fonte importante do mal-estar da juventude na universidade é a desconfiança em relação ao retorno em termos de empregabilidade, do longo investimento pessoal e público em formação acadêmica. Precisamos ouvir o que dizem os jovens sobre isso evitando, talvez, que busquem refúgio dessa angústia em comunidades identitárias em lugar de enfrentá-las.

Nossa atividade vem sendo atingida por uma onda difamatória que associa nossas ações à uma ideologia de direita bolsonarista. Não vamos reproduzir as acusações porque não é possível dialogar com indivíduos que aderiram à cultura do ódio. Em lugar de bater boca com nossos detratores, optamos por trazer o depoimento de uma pesquisadora, professora e psicanalista que está à altura da orientação lacaniana.

Endereçamos à colega Ilka Franco Ferrari, em nome do Corpo Editorial de aSEPHallus Revista de Orientação Lacaniana, o pedido de que ela compartilhasse conosco suas reflexões acerca das tendências ideológicas atuais do discurso universitário e seus reflexos nos comportamentos de professores, alunos e instâncias administrativas de cursos de graduação e pós-graduação no Brasil e no mundo. Pedimos que ela analisasse esse cenário à luz da sua formação como psicanalista. Ilka é professora da Pontifícia Universidade Católica de Minas Gerais desde 1981, ensinando na graduação e na pós-graduação e exercendo funções administrativas, tais como a de vice-coordenadora do curso de graduação e coordenadora da Pós-graduação. Compôs a equipe que construiu o projeto do Programa de Pós-graduação da PUC-Minas e nele está desde sua implantação. Atualmente, está na vice-coordenação do GT *Psicanálise em Redes: teorias e práticas acadêmicas e profissionais*. Além disso, é analista praticante, membro da Escola Brasileira de Psicanálise, Seção Minas Gerais, e da Associação Mundial de Psicanálise (AMP).

Em suas linhas de pesquisas e produções acadêmicas destaca-se o tema da presença da psicanálise no mundo universitário, passando por questões acerca da formação universitária de psicólogos, do ensino e da prática da psicanálise, e do mal-estar de professores e alunos. Destaca-se, por exemplo, seu brilhante *Uma vivência universitária: passos além do cotidiano*¹ no qual apresenta a universidade como instituição de suma relevância no processo civilizatório e que, enquanto tal, só pode ser pensada levando em conta a realidade social da qual é parte, hoje deve ser em sua articulação ao discurso do capitalismo. Ao redor desses temas, portanto, preparamos algumas perguntas a respeito do estado da universidade hoje e o lugar da psicanálise nela. Quais são as possibilidades, hoje, de uma ética do desejo e da responsabilidade pelo gozo prevalecerem sobre os discursos identitários de cunho

psicossociológico no contexto universitário? A psicanálise sobreviverá? A entrevista com a psicanalista Ilka Franco Ferrari foi realizada por Rebeca Espinosa Cruz Amaral e Ângelo Márcio Valle da Costa.

Recomendamos aos nossos leitores o livro recém lançado *Le savoir pathologique, la psychanalyse entre texte e contexte*² de Antônio Teixeira. A pretensão de resenhar este livro seria ambiciosa e arriscada. A erudição de seu autor é deveras conhecida e dispensa recomendações. O volume de temas visitados não ajuda a fazer uma síntese que oriente o leitor sobre o conteúdo que vai encontrar. Antônio Teixeira é um conhecido professor titular da UFMG, além de membro da Escola Brasileira de Psicanálise, autor de vários livros e artigos e que, mais recentemente, comandou uma verdadeira tropa de psicanalistas para produzir dois volumes de uma Psicopatologia Lacaniana. Fomos orquestrados com mestria e o resultado é uma pesquisa inovadora que entregou a mais importante contribuição ao ensino da psicopatologia psicanalítica de orientação lacaniana de que já ouvi falar.

Esta coletânea de artigos intitulada *O saber patológico* nos intriga de saída ao propor essa temática que reúne saber e *pathos*, contrariando o divórcio suposto entre razão, conhecimento, representação e afeto. Muitos psicanalistas já disseram que Jacques Lacan privilegiou o simbólico, o significante, a representação em detrimento do afeto. Foi preciso que ele respondesse a essas alegações em seu seminário sobre *A angústia*³ afirmando que nunca falou de significante senão como o representante da representação. Portanto, o sujeito primitivo é um *Affekt*, está na posição de objeto *a*, objeto causa do desejo, não sujeito do significante ainda quando em vias de advir. O saber em *statu nascendi* é patológico. Disso Antônio nos recorda em seu epílogo após percorrer uma grande quantidade de assuntos mostrando discretamente a incidência desse pressuposto da psicopatologia *Lost in fake News*, revisita com absoluta propriedade as enormes dificuldades que a psicanálise nos permite entrever nas relações entre a ciência e a verdade. Não se trata apenas de retomar o valioso escrito de Lacan intitulado *A ciência e a verdade*⁴. A psicanálise, como Antônio nos convida a servir-se dela, precisa situar-se permanentemente entre texto e contexto. Para atualizar as relações entre ciência e verdade hoje é preciso considerar os efeitos na discursividade social da incomensurável expansão dos meios de comunicação desde o jornalismo propriamente dito até a trama difusa das redes sociais. O fenômeno das *Fake News*, como ele o examina, lança luz sobre os destinos da política na assim chamada era da pós-verdade.

Nossa colega no GT da ANPEPP, Aline Aguiar Mendes, traz ao debate o problema que consideramos o mais crucial: *As urgências subjetivas de jovens universitários: uma interlocução Brasil-França*. Com base no intercâmbio de experiências clínicas entre os dois dispositivos (o brasileiro e o francês) foi realizado o trabalho com o caso clínico paradigmático. Conclui-se que o acolhimento das urgências subjetivas e a abertura de um tempo de pausa no qual a enunciação de um sujeito pode advir, é o que torna possível uma aposta na palavra para que cada jovem, a seu modo, possa fazer um cálculo que lhe seja próprio.

Elizabeth Fátima Teodoro, Mardem Leandro Silva, Daniela Paula do Couto e Roberto Lopes Mendonça apresentam o tema das relações entre psicanálise, cinema e universidade como uma

investigação sobre o conceito de transferência. Partem da constatação freudiana da importância de ensinar e transmitir a psicanálise na universidade, interrogam se a aprendizagem da transferência enquanto um conceito psicanalítico pode ser facilitado por meio da linguagem cinematográfica. Para tanto, utilizaram a análise fílmica psicanalítica como método, tendo como referencial a teoria freudolacaniana. Parte da abstração necessária à formalização do conceito pode se articular ao conteúdo das vivências dos personagens. Além de conferir recurso de crítica cultural referente a temas atuais.

Daniel Kazahaya se pergunta qual a importância, em termos de constituição do psiquismo, da convivência de grupos e pares de bebês e crianças? Para explorar tal assunto, o artigo aborda o percurso teórico que Lacan desenvolve sobre a participação do pequeno semelhante na constituição subjetiva. A argumentação principal foi articulada em torno da noção do complexo da intrusão, inserido nos complexos familiares, na qual o pequeno semelhante surge como um intruso e inaugura uma triangulação inicial, anterior ao complexo de Édipo freudiano, que tem participação na formação do eu.

Rafaela Vieira de Oliveira e Helenides Mendonça abordam a constituição do psiquismo através do conceito de inconsciente em Freud. O artigo busca traçar a evolução conceitual do inconsciente na obra freudiana. De um modo bem clássico, disserta sobre os textos escritos por ele em três momentos da sua produção: período pré-psicanalítico, primeira tópica e segunda tópica. Tomou como referências básicas os seguintes textos: *Sobre a concepção das Afasias: um estudo crítico* (Freud, 1891/2016)⁵, *Carta à Fliess 112 [52]* (Freud, 1896/2017)⁶, *A interpretações dos sonhos* (Freud, 1900/2019)⁷, *Algumas observações sobre o conceito de inconsciente na psicanálise* (Freud, 1912/2010)⁸, *O inconsciente* (Freud, 1915/2010)⁹, *Além do princípio do prazer* (Freud, 1920/2020)¹⁰ e *O Eu e o Id* (Freud, 1923/2011)¹¹. É uma excelente ferramenta para o ensino da psicanálise na universidade e além dela.

Heloísa Bedê e Vinícius Moreira Lima apresentam uma reflexão acerca do feminino como estranho ao feminino infamiliar. Buscam os deslizamentos entre fronteira e litoral e visam extrair algumas consequências da diferença entre o feminino abordado como estranho (sendo por isso excluído e segregado na cultura e na neurose) e um feminino infamiliar, que atravessa cada ser falante à sua revelia como um modo de gozo que não abrange sua totalidade corporal. Os autores apresentam uma perspectiva muito interessante das estruturas clínicas por meio da hipótese da relação ao feminino.

Fernanda Oliveira Queiroz de Paula e Tania Coelho dos Santos também se debruçam sobre um breve recorte histórico da *Primeira onda do movimento feminista* no Ocidente. Rastream, principalmente, alguns marcadores e discursos que a compõe em seu deslocamento da modernidade à pós-modernidade. Dentre estes, a psicanálise. O feminismo é um movimento heterogêneo, atravessado por diferentes e complexas discursividades que se articulam a multiplicidade de aspectos do contexto social, histórico, religioso, étnico-racial e econômico de cada época, país e cultura. Além disso, é formado por diferentes vertentes que dialogam e, também, divergem entre si. É um feminismo plural. Como a clínica, a pesquisa e a transmissão da psicanálise podem contribuir, a partir da sua ética e da política, com o campo de questões de gênero, sexuais e identitárias que emergem da pluralização do feminismo contemporâneo?

Renata Sucupira Santos de São Justo aborda o estatuto do sujeito na clínica dos autismos. Seu trabalho explicita a particularidade do tratamento psicanalítico ao apostar no sujeito na clínica dos autistas. Sustenta que os autistas não estão em condição deficitária. Problematisa a existência do Outro no campo da subjetividade dos autistas recorrendo às indicações do ato inaugural de Rosine Lefort ao propor a estrutura autística. Encontra como suplemento às teses de Lefort, as hipóteses de Jean-Claude Maleval. Entre elas, a de que os autistas recorrerem ao uso do objeto autístico, o duplo real e ao Outro de síntese como recursos para lidar com a presença da alteridade.

Flávia Lana Oliveira e Catarina Coelho dos Santos trazem um oportuna resenha do excelente livro de Jean-Claude Maleval *Répères sur la Psychose ordinaire*¹² sobre os sujeitos que vêm hoje encontrar um psicanalista e apresentam uma fenomenologia psicótica discreta, sendo as manifestações de um grande delírio cada vez mais raras. A hipótese da forclusão do Nome-do-Pai, proposta por Lacan nos anos 1950, introduziu uma lógica esclarecedora. Torna-se concebível que o sujeito seja estruturado em um modo psicótico sem que a psicose clínica seja propriamente deflagrada.

E finalmente, Patrick Almeida examina o ato analítico em artigo baseado em sua tese de doutorado defendida em 2020 no Departamento de Psicanálise de Paris 8. Investiga a passagem da teoria freudiana do ato, do *agieren* freudiano ao ato falho, à teoria do ato psicanalítico no ensino de Jacques Lacan e às contribuições à teoria analítica por meio da leitura de Jacques-Alain Miller correlacionada com a problemática da iteração do Um do gozo no sintoma do *parlêtre*. Na obra de Freud, o paradigma do ato seria o ato falho, uma formação metafórica do inconsciente, uma compulsão de repetição isto é, uma marca indelével da pulsão de morte. Em seguida, ele evoca as várias concepções do ato e do gozo em Lacan, passando por sucessivas redefinições do ato do analista e da interpretação analítica que foram formuladas a partir das reorganizações de sua concepção de cura, de atravessamento da fantasia, o lugar do simbólico, passando de sua potência à impossibilidade de absorver tudo do real. Patrick chega ao que se denomina uma clínica orientada pelo real, ou seja, uma clínica orientada pelos modos de gozo e pela economia do gozo. Afirmamos, portanto, que o conceito de "ato analítico" é o grande conceito que teria o efeito de *Aufklärung* diante dessa clínica do real, clínica da *a*-eração do campo de gozo, única possibilidade de uma psicanálise no Século XXI.

Notas:

1. Ferrari, I. F. (2019). Uma vivência universitária: passos além do cotidiano. *Pretextos - Revista Da Graduação Em Psicologia Da PUC Minas*, 4(7), 211-223. Recuperado de <http://periodicos.pucminas.br/index.php/pretextos/article/view/20765>
2. Teixeira, A. (2021). *Le savoir pathologique, la psychanalyse entre texte e contexte*. Rennes: PU Rennes.
3. Lacan, J. (2005). *O Seminário livro 10: a angústia*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar. (Trabalho original publicado em 1962-1963).

4. Lacan, J. (1998). A ciência e a verdade. In J. Lacan, Escritos (pp. 869-892). Rio de Janeiro: Jorge Zahar. (Trabalho original publicado em 1965-1966).
5. Freud, S. (2016). *Obras Incompletas de Sigmund Freud: Sobre a concepção das afasias um estudo crítico*. Belo Horizonte: Editora Autêntica. (Trabalho original publicado em 1891).
6. Freud, S. (2017). Carta 112 [52], de 06 de novembro de 1896. In M. R. S. Moraes (Trad.) *Obras Incompletas de Sigmund Freud: Neurose, Psicose, Perversão*. Belo Horizonte: Editora Autêntica. (Trabalho original publicado em 1896).
7. Freud, S. (2019). *Obras completas - A interpretação dos sonhos* (1900). (P. C. de Souza, Trad.). São Paulo: Companhia das letras. (Trabalho original publicado em 1900).
8. Freud, S. (2010). Algumas observações sobre o conceito de inconsciente na psicanálise. In P. C. de Souza (Trad.) *Obras completas - Observações psicanalíticas sobre um caso de paranoia relatado em autobiografia: ("O caso Schreber")*: artigos sobre a técnica e outros textos (1911-1913) (pp. 255-267). São Paulo: Companhia das Letras. (Trabalho original publicado em 1912).
9. Freud, S. (2010). O inconsciente. In P. C. de Souza (Trad.) *Obras completas -Introdução ao narcisismo: ensaios de metapsicologia e outros textos (1914-1916)* (pp. 99-150). São Paulo: Companhia das letras. (Trabalho original publicado em 1915).
10. Freud, S. (2020). *Obras Incompletas de Sigmund Freud: Além do princípio do prazer*. Belo Horizonte: Editora autêntica. (Trabalho original publicado em 1920).
11. Freud, S. (2011). O Eu e o Id. In P. C. de Souza (Trad.) *Obras completas - O Eu e o Id, "Autobiografia" e Outros textos (1923-1925)* (pp. 13-74). São Paulo: Companhia das Letras. (Trabalho original publicado em 1923).
12. Maleval, J.-C. (2019). *Repères pour la psychose ordinaire*. Paris: Navarin Éditeur.

Citação/Citation: Coelho dos Santos, T. (nov. 2021 a abr. 2022). Mal-estar na universidade e mal-estar entre os jovens universitários. *Revista aSEPHallus de Orientação Lacaniana*, 17(33), 01-06. Disponível em www.isepol.com/asephallus. **Doi:** 10.17852/1809-709x.2022v17n33p01-06

Editor do artigo: Tania Coelho dos Santos

Recebido/Received: 20/10/2021 / 10/20/2021.

Aceito/Accepted: 25/10/2021 / 10/25/2021.

Copyright: © 2022 Associação Núcleo Sephora de Pesquisa sobre o moderno e o contemporâneo. Este é um artigo de livre acesso, que permite uso irrestrito, distribuição e reprodução em qualquer meio, desde que o autor e a fonte sejam citados/This is an open-access article, which permits unrestricted use, distribution, and reproduction in any medium, provided the author and source are credited.